

# humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA  
MCMLXVII-LXVIII

## CONTACTO COM OS ESTUDOS CLÁSSICOS NA HOLANDA\*

Quando, quase ao terminar o ano lectivo de 1964-1965, ficou definitivamente marcada a minha partida para a Holanda, os meus conhecimentos sobre este País não iam além do pouco que nas nossas histórias universais se aprende. E na História de Portugal o contacto entre portugueses e holandeses aparece quase só em relevo a propósito da ocupação filipina, quando boa parte do nosso glorioso império ultramarino foi arrebatado por ingleses e holandeses.

Dispomos, no entanto, de uma fonte literária valiosa, que continua a exercer fascínio pela vivacidade do estilo, a riqueza de informação histórica, a sensibilidade à natureza, à arte e à vida da sociedade: *A Holanda*, de Ramalho Ortigão, obra que os próprios holandeses apreciam, pois a traduziram para a sua língua. Mas as impressões de Ramalho foram escritas em 1883 e, embora o passado continue a sobreviver no presente, o certo é que as circunstâncias da vida política, económica, social e cultural evoluíram muito desde aquela data. Para um conhecimento pormenorizado do que é a Holanda de hoje, não conheço ainda uma obra satisfatória de conjunto. Com os noticiários ou crónicas da nossa imprensa mal se pode contar, tão raros eles são.

Na ânsia de não chegar à Holanda no total desconhecimento das atitudes e decisões a tomar, quanto a instalação e contactos com o meio universitário, e de obter alguma iniciação, pelo menos bibliográfica, sobre a língua do País, o neerlandês, entrei em Junho de 1965 em contacto com o Dr. Luís Crespo Fabião, que regressara então de uma estadia de meia dúzia de anos como leitor de português na

---

\* Conferência proferida a 26 de Janeiro de 1968, num dos anfiteatros da Faculdade de Letras de Coimbra, a convite da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.

Universidade de Utreque — e é actualmente leitor de neerlandês na Faculdade de Letras de Lisboa — e com a Sr.<sup>a</sup> D. Louise van der Maesen de Sombref de Albuquerque d'Orey, ao que parece a única pessoa nascida na Holanda que, em virtude do casamento, se fixou há largos anos em Coimbra. Assim pude começar as primeiras tentativas de aprender o holandês através de *Le néerlandais sans peine* (Bruxelles, s/d), *Teach yourself Dutch*, de H. Koolhoven (London, 1963) e do guia elementar de conversação *Portugees op reis* (Português de viagem), pelo Dr. Luís Crespo Fabião (Den Haag, s/d).

Embora Ramalho Ortigão diga em *A Holanda*, no capítulo VIII, dedicado à cultura intelectual, que o curso de filologia clássica é feito invariavelmente na língua latina, a verdade é que hoje o neerlandês é a língua geralmente usada em todos os cursos universitários, se exceptuarmos as lições destinadas a estudantes de diferentes nacionalidades, caso em que é preferido o inglês. Com isto não quero dar a entender que um estrangeiro tenha dificuldade em se fazer compreender na Holanda. Pelo contrário. Desde que fale alguma coisa de francês, inglês ou alemão, encontrará facilmente quem lhe dê as indicações de que necessita, e até quem prefira alardear os seus conhecimentos, dado que estas três línguas modernas são obrigatórias para todos os estudantes do ensino secundário, e a maioria dos holandeses (pondo de parte a geração mais antiga) continua os estudos após a escola primária. Atendendo a que eu tinha de frequentar cursos dados em holandês, a que esta é a língua corrente nos contactos inevitáveis em casa, no comércio, na rua, na imprensa, tive que procurar aprender a língua do País o mais depressa possível. Felizmente a Holanda está preparada para receber estrangeiros que mesmo em férias desejem aprender qualquer língua, pois mantém em funcionamento permanente vários Laboratórios de línguas (*Talenpracticum*). Por minha parte, frequentei primeiramente o de Vught (Brabante) e passei depois a ter explicações particulares, que apesar de tudo se revelam mais eficazes.

No que respeita directamente à filologia clássica também não eram muito vastos os meus conhecimentos sobre o que se passava na Holanda. Durante o curso, em Coimbra (1957-1962), obtive uma breve informação sobre a magnífica revista *Mnemosyne*, publicada em Leida; tomei contacto com a obra do grande helenista Prof. B. A. van Groningen, cuja conferência na Faculdade de Letras de Coimbra, a 2 de Maio de 1956, sob o título de *La tragédie grecque et la douleur humaine* se encontra arquivada na *Humanitas* (vol. VII-VIII da série cont. (1955-

-1956) pp. 161-173), bem como o elogio que do mestre holandês então proferiu o Prof. Dr. Américo da Costa Ramalho (*ibid.* pp. 286-287); aproveitei parcialmente do bem documentado *Traité de métrique grecque, suivi d'un précis de métrique latine*, do Prof. W. J. W. Koster (Leyde, 1962); ouvi as lições que a Prof.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann proferiu em Coimbra nos dias 20 e 21 de Abril de 1961 sobre *Les relations entre culture profane et chrétienne aux premiers siècles de notre ère* e sobre *Les innovations sémantiques dans le grec et le latin des chrétiens*, publicadas respectivamente na *Revista Portuguesa de Filologia* (vol. XII (1962-1963) tomo I, pp. 1-16) e na *Humanitas* (vol. XIII-XIV (1961-1962) pp. 322-335). Dos três volumes dos seus *Études sur le latin des chrétiens* (Roma, 1958, 1961, 1965) tinha colhido já também proveitosos ensinamentos.

Conhecia, pois, através das suas obras, algumas figuras da filologia clássica holandesa. Parecerá oportuno notar que aos estudantes de Coimbra continuam a chegar alguns ecos com a mesma proveniência. Ao preparar este trabalho acaba de ser posto à leitura do público o vol. XVII-XVIII (1965-1966) da nossa revista *Humanitas*. Aí vemos que o doutor Manuel de Oliveira Pulquério, na sua dissertação sobre a *Estrutura e função do diálogo lírico-epirremático em Ésquilo*, comenta as opiniões de P. Groeneboom sobre cinco peças do primeiro dos grandes dramaturgos gregos e cita o *Traité de métrique* de W. Koster; que entre as recensões críticas se contam livros dos holandeses D. van Nes, R. P. Hoogma e P. J. Enk; e que na lista das obras que aguardam recensão estão os *Studies in Classical Satire and Related Literary Theory* de C. A. van Rooy e um novo estudo da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Pereira sobre *Greek Vases in Portugal*, que menciono aqui pelo simples facto de, a convite da direcção, ter sido publicado numa revista holandesa, o *Bulletin van de Vereeniging tot Bevordering der Kennis van de Antieke Beschaving*. Pelo que me foi dado conhecer, os estudantes de filologia na Holanda recebem muito mais escassa informação sobre os estudos clássicos em Portugal. Referirei apenas um caso que oxalá não possa ser tomado como típico. Uma vez, entre estudantes, tendo eu dito que pertencia à Faculdade de Letras de Coimbra, um deles reagiu com surpresa, dizendo: «O quê? Nós quase só ouvimos falar do predomínio do analfabetismo em Portugal!...»

Pois quando ficou decidido, partindo de uma sugestão pedida ao Prof. Dr. Manuel Caetano Diaz y Diaz, da Universidade de Salamanca,

que o meu estudo para a dissertação de doutoramento se fixasse em «A versão latina por Pascásio de Dume dos *Apophthegmata Patrum*», isto é, sobre uma tradução feita do grego para o latim por um monge do século VI, nas proximidades de Braga, logo se pensou que para o estudo do grego e do latim tardio e cristão, bom seria que frequentasse um centro de renome em estudos deste género. E logo Nimega ocorreu como um dos mais apropriados, tendo a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann dedicadamente oferecido a sua orientação.

Assim está explicada a minha ida para a Holanda, tendo chegado na tarde de 22 de Julho de 1965 a Nimega, onde permaneci quase ininterruptamente até 5 de Julho de 1967. Embora o tema que me preocupava preenchesse toda a minha capacidade de trabalho, não deixei de me interessar, na medida do possível e quando as ocasiões se iam proporcionando, pela vida universitária holandesa, com especial predilecção pelo movimento clássico, e ainda por vários outros aspectos da evolução da sociedade dos Países Baixos, alguns dos quais foram tratados, embora rapidamente, em 18 artigos publicados sob o título de *Cartas da Holanda*, 14 dos quais no diário de Lisboa *Novidades* (de 11 de Setembro de 1965 a 31 de Julho de 1966) e os restantes nos aniversários dos semanários regionalistas *O Distrito de Portalegre* (de 30 de Abril de 1966 e 29 de Abril de 1967) e *Reconquista*, de Castelo Branco (de 13 de Maio de 1966 e 14 de Maio de 1967).

Apesar de as minhas informações sobre a Holanda procederem principalmente de Nimega, visitei também, por necessidades bibliográficas, as Universidades de Utreque, Leida e Amesterdão. Antes de ir a Leida procurei combinar um encontro com o Prof. B. A. van Groningen. Infelizmente não me foi dado cumprimentá-lo porque estava então no estrangeiro, nem pude seguir qualquer dos seus cursos porque, *aetatis causa*, não tem mais o direito de leccionar, como me escreveu numa carta datada de 23 de Fevereiro de 1966. Todavia, os sucessores e colaboradores do Prof. Van Groningen tiveram a amabilidade de me orientar numa visita ao Instituto Papirológico da Universidade de Leida e de me mostrar alguns preciosos exemplares da sua famosa colecção de papiros.

Nunca se me ofereceu oportunidade de ir a Gróninga e de procurar conhecer pessoalmente o Prof. W. Koster, apesar de várias vezes ter sido convidado para fazer uma visita à mais nortenha das Universidades holandesas pelo meu amigo Dr. L. Engels, que lá ensina Latim Medieval.

Devo ainda previamente declarar que na Holanda nunca fiz uma investigação sistemática sobre a situação dos estudos relativos à Antiguidade Clássica, pelo que, por vezes, terei que me servir aqui de expressões um pouco vagas ou de citar números aproximados. Apesar disso, creio que tive contactos e recolhi elementos que me parecem suficientes e capazes de despertar algum interesse entre os cultores das letras greco-latinas em Portugal.

### ASSOCIAÇÃO CLÁSSICA NEERLANDESA

Existe na Holanda e na parte da Bélgica de língua neerlandesa a *Nederlands Klassiek Verbond*, cujo órgão de maior difusão, a revista *Hermeneus*, começou no ano lectivo de 1966-1967 o seu XXXVIII ano de publicação, o que parece levar-nos a crer que a Associação Clássica Neerlandesa foi fundada em 1928. O seu fim é, de acordo com uma folha de propaganda que me foi oferecida, «ajudar a guardar e defender os valores culturais que nos foram transmitidos pelos gregos e romanos, os quais desempenharam uma importante função no desenvolvimento total da nossa civilização».

Nesta Associação são convidados a inscrever-se não só os classicistas de profissão, mas também quantos fizeram estudos clássicos no ensino secundário, embora mais tarde tenham enveredado por outro ramo de estudos ou se hajam dedicado a qualquer outra actividade. Além disso, a N.K.V. pretende também atingir e ajudar todos aqueles que, embora não tenham tido formação clássica, todavia apreciam valores artísticos, filosóficos, literários e morais da Antiguidade greco-latina. Esta ampla definição de objectivos parece ter sido bem compreendida, pois a Associação contava no final de 1967 cerca de 4200 membros, distribuídos por um total de 36 secções. Vou citar algumas, indicando o seu nome em neerlandês, pois nem de todos os topónimos conheço o equivalente português. Na Bélgica há quatro delegações: Antwerpen, Kortrijk, Leuven e Maaseik; as restantes trinta e duas são na Holanda, contando-se entre elas cidades tão conhecidas como Amsterdã, 's-Gravenhage, Groningen, Leiden, Nijmegen, Rotterdam e Utrecht e outras que um estrangeiro não sabe facilmente situar, tal como Assen, Emmen ou de Zaanstreek.

Os meios de que a N.K.V. se serve para interessar os seus membros são: conferências, salas de leitura, cartões ilustrados, um calendário artístico anual, visitas a museus e excursões a locais de interesse — inclusive à Itália e à Grécia —, dias de estudo, tardes juvenis, dias regionais, cursos de iniciação, concursos em dois planos: — para alunos do ensino secundário e para membros da Associação. Além disso, a N.K.V. publica duas revistas, uma bimestral — *Lampadion* — especialmente para classicistas, e outra mensal — *Hermeneus* — para todos os membros, com carácter de maior divulgação da cultura clássica, a qual sai no dia 15 de cada mês e cuja assinatura anual custa apenas 6 florins (cerca de 48\$00).

Não parece oportuno dar agora uma informação pormenorizada sobre *Lampadion*, pois que em Setembro de 1968 dar-se-á por terminada a sua existência, após sete anos de publicação. Entretanto, a actual redacção, composta pelos doutores C. J. Ruijgh, P. G. van der Nat e L. F. Jansen, anuncia que a suspensão da revista só se fará para os seus colaboradores se poderem integrar numa nova revista neerlandesa, exclusivamente consagrada à filologia clássica, a que será dado o título de *Lampas*, cujo primeiro número deverá aparecer precisamente em Setembro de 1968.

Quanto à revista *Hermeneus* não se julgue que, pelo facto de ser mensal e de cada fascículo ter apenas 24 páginas, é desprovida de interesse. Temos, por exemplo, diante de nós o número de Janeiro de 1967 no qual, ao lado de artigos ocasionais — *in memoriam* — podemos ler quatro pequenos estudos sobre o Imperador Adriano e um interessante depoimento sobre a cultura clássica do escritor contemporâneo Simon Vestdijk (nascido em 1899). Será talvez conveniente dizer que alguns holandeses consideram S. Vestdijk como um presumível candidato ao Prémio Nobel da Literatura (tal como entre nós há anos se falou em Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Miguel Torga ou José Régio!). Ora acontece que vários romances de S. Vestdijk se situam na Antiguidade e que em *Ivoren Wachters* (Guardas de marfim) a personagem principal, um aluno de clássicas de um liceu, cita com frequência autores latinos. Feita uma investigação sobre as fontes destas citações, chegou-se à conclusão de que o romancista se deve ter servido apenas de exemplos tirados da gramática de J. Woltjer, por onde ele mesmo possivelmente estudou no ensino secundário. Interrogado a propósito do seu escasso contacto directo com os autores greco-latinos, pois Simon Vestdijk é médico de profissão, declarou

com simplicidade: «Sempre senti em mim, como uma deficiência, a falta de uma educação clássica; mas, felizmente, há muitos caminhos que conduzem à Roma dos antigos». A atenuante apresentada pelo escritor holandês diz respeito aos conhecimentos sobre a Antiguidade que obteve através da leitura de classicistas alemães. E o grande romancista, que é também poeta, considera a *Apollinische Ode* como o melhor dos seus poemas (cf. *Hermeneus*, XXXVIII (1967) n.º 5, pp. 134-137).

À delegação de Nimega da *Nederlands Klassiek Verbond* aqui deixo o meu agradecimento por me ter convidado a assistir, regularmente, às suas sessões culturais.

#### REVISTAS HOLANDESAS NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

A propósito destas revistas, pareceu-me oportuno verificar quais as publicações neerlandesas que se encontram à disposição dos estudantes de Letras em Coimbra.

No Instituto de Estudos Clássicos temos os volumes IX a XII (1956 a 1959) de *Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava*, editada em Leida. Mencionar os seus responsáveis é indicar imediatamente alguns dos melhores classicistas holandeses de hoje. A direcção nesses quatro anos era constituída por B. A. van Groningen, W. J. Verdenius e J. H. Waszink. Ao conselho de redacção pertenciam W. den Boer, J. W. Ph. Borleffs, A. W. Byvanck, P. J. Enk, G. van Hoorn, J. C. Kamerbeek, W. J. W. Koster, J. D. Meerwaldt, J. G. A. Ros S. J., F. L. R. Sassen, A. Sizoo, J. H. Thiel e H. Wagenvoort. Cada um dos volumes que possuímos contém, em algum dos seus quatro fascículos, um artigo em que se dá conta dos livros e opúsculos publicados no ano anterior pelos classicistas holandeses. Relativamente ao ano de 1955 são apontados 76 autores; para 1956, obras de 75 autores; sobre 1957 indicam-se 64 autores; e em relação a 1958 são registados 43 autores. Estes números revelam bem a vitalidade dos classicistas holandeses, embora se deva ter em conta que vários dos livros e artigos indicados para um ano pertencem a filólogos já consignados nos anos anteriores.

O nosso Instituto possui ainda três números referentes aos anos de 1960, 1961 e 1962 (vols. XXXV a XXXVII) do *Bulletin van de Vereeni-*

*ging tot Bevordering der Kennis van de Antieke Beschaving te 's-Gravenhage* (Boletim da Associação para a promoção do conhecimento da civilização antiga, com sede na Haia), fundada pelo Prof. Dr. C.W. Lunsingh Scheurleer e de que era nestes anos presidente o Prof. Dr. A. W. Byvanck. Note-se, porém, que este *Boletim*, de grande interesse para o estudo da cultura clássica, não trata especialmente de questões filológicas. Vantagem para os leitores portugueses será que nenhum dos artigos está escrito em holandês...

A Biblioteca Central da Faculdade de Letras continua a receber desde o volume XXX (1946) a conceituada revista *Neophilologus* que se apresentava então como *Driemandelijks tijdschrift voor de wetenschappelijke beoefening van levende vreemde talen en van hun letterkunde en voor de studie van de klassieke talen in hun verband met de moderne* (isto é, Revista trimestral para a investigação científica das línguas vivas estrangeiras e das suas literaturas e para o estudo das línguas clássicas nas suas relações com as modernas). Consultei também os números de 1967 (vol. LI) e verifiquei que, além da modernização da apresentação, a revista, embora mantenha os mesmos objectivos (mas agora com todas as indicações dadas em inglês...), pouco espaço consagra à filologia clássica. Os seus editores eram no ano passado A. L. Vos, T. A. Birrell, S. Dresden, J. Engels, H. Meyer, H. Th. Oostendorp e C. Soeteman.

Poderá também interessar-nos a revista trimestral, publicada em francês, inglês e alemão (de que a Biblioteca Central possui a edição francesa) *Enseignement supérieur et recherches scientifiques aux Pays-Bas*, que é um *Bulletin de la Fondation des Universités néerlandaises pour la coopération internationale*, de que é presidente de honra S.A.R. o Príncipe Bernardo dos Países Baixos e presidente efectivo o Prof. Dr. L.G.A. Schlichting. Além das actividades da Fundação que poderão servir de estímulo para as nossas Universidades, esta publicação interessa também aos classicistas, pois publica uma secção com o título e autores de todas as teses de doutoramento apresentadas às Universidades holandesas. Ora a Holanda possui seis Faculdades de Letras com Filologia Clássica: — Amesterdão (Universidade Municipal e Universidade Livre), Gróninga, Leida, Nimega e Utreque.

Recebe ainda a Biblioteca Central da nossa Faculdade mais duas revistas holandesas de interesse para a cultura geral: *Delta*, revista trimestral de artes, vida e pensamento na Holanda, com sede em Amesterdão; e *Volunteers in Action*, revista trimestral destinada a pro-

mover o serviço voluntário internacional, também editada em Amesterdão.

Nenhuma das revistas da Faculdade de Letras de Coimbra permuta com as *Vigiliae Christianae*, a que adiante farei merecida referência.

## O LATIM E O GREGO NO ENSINO SECUNDÁRIO HOLANDÊS

A vitalidade da Associação Clássica Neerlandesa deve-se, sem dúvida, à grande quantidade de alunos que no ensino secundário estudam latim e grego, mesmo que não se destinem às Faculdades de Letras e Direito, ficando em boa parte deles o desejo de aprofundarem os conhecimentos iniciados na juventude. Consequência das numerosas classes destas línguas é, logicamente, a necessidade de muitos professores formados em filologia clássica. E há testemunhos de que os alunos clássicos, mesmo quando enveredam para as Faculdades de Ciências, não se revelam inferiores aos que provêm do ensino médio baseado nas ciências da natureza. A par de outros exemplos, o Prof. Dr. Américo da Costa Ramalho citou em 1956, num Congresso, precisamente o caso da Holanda, apoiando-se no testemunho do Prof. Dr. B. A. van Groningen (cf. *Humanitas*, vol. VII-VIII da série cont. (1955-1956) p. 252).

Manda o amor à verdade dizer que nos últimos anos a exaltação das humanidades modernas e das ciências exactas levou de vencida, em parte, o lugar de relevo dado às humanidades clássicas. Há poucos anos foi aprovada pelo Parlamento (*Tweede Kamer*) uma lei, que vai entrar em vigor a 1 de Agosto de 1968, a qual remodela profundamente as estruturas de quase todo o ensino secundário na Holanda. Dado o seu grande âmbito, os holandeses dão-lhe normalmente o nome caracterizante de *Mammoetwet* (lei-mamute). Parece-me, pois útil distinguir a situação observada até aqui da que vai começar a vigorar no próximo ano lectivo.

O programa de estudos actualmente em vigor na Holanda é já fruto de uma reforma aprovada após a Segunda Guerra Mundial. Anteriormente, aos estudos clássicos era dado ainda maior desenvolvimento. Resumindo, poderemos dizer que nas duas últimas décadas o latim e o grego foram estudados no ensino secundário só no *Gymnasium* (equivalente ao nosso Liceu). Os alunos que entravam para

o *H.B.S.* (Hogere Burger School, isto é, Escola Civil mais elevada), de ensino predominantemente técnico, não estudavam as línguas clássicas.

Note-se, no entanto, que o *Gymnasium* holandês se divide em duas grandes linhas de orientação. No *Gymnasium  $\alpha$* , preferido pelos alunos que se destinam às Faculdades de Letras, Direito e Teologia, o ensino é sobretudo de carácter humanístico. O latim é aí estudado durante os seis anos do curso e o grego só é omitido no I ano, com aulas quase sempre diárias, a par das línguas modernas e das ciências. Além da tradução dos autores e da Gramática, exigem-se exercícios frequentes de retroversão. No *Gymnasium  $\beta$*  em que, a par do ensino humanístico, se atende mais às ciências da natureza, pois os seus alunos se destinam sobretudo às Faculdades de Ciências, o latim e o grego são, apesar disso, ensinados durante os mesmos tempos, com excepção dos dois últimos anos em que há menos horas semanais e por consequência é menor a exigência nos exames finais.

Se atendermos a que, normalmente, os alunos que desde o início do ensino médio pensam seguir estudos universitários preferem uma das alíneas do *Gymnasium*, concluiremos que a grande maioria dos licenciados holandeses após a Guerra tiveram seis anos de latim e cinco de grego, quer sejam humanistas quer técnicos. A diferença entre uns e outros está apenas na profundidade e na exigência observada no *Staatsexamen* (exame final do curso médio).

A partir de 1 de Agosto de 1968 entrará, porém, em vigor a *Mam-moetwet*, começando pela primeira classe e avançando depois gradativamente até que concluam os cursos os alunos regulares que em 1967 iniciaram os estudos secundários. Dado que a reorganização do ensino médio parece estar sempre em discussão em Portugal, talvez não seja despropositado apresentar aqui as linhas gerais desta nova reforma holandesa.

Após a escola primária, que tem seis classes, todos os alunos serão obrigados a transitar para uma «bruglas» (classe-ponte) ou classe de transição, a qual durará um só ano, a fim de os professores investigarem para que ramo o aluno deverá orientar o seu futuro.

No caso de o jovem, que então deve contar normalmente 13 anos, não dever seguir qualquer curso especial, terá pelo menos que se inscrever obrigatoriamente até aos 15 anos numa escola agrícola ou técnica ou as raparigas numa escola de educação doméstica.

Os restantes cursos médios podem dividir-se em quatro grupos:

1 — MAVO, isto é, *Middelbaar Algemeen Vormend Onderwijs* (Ensino Médio de Formação Geral), o qual dura três anos, também com possibilidade de escolher ensino profissional (para rapazes) e educação doméstica (para raparigas).

2 — HAVO, ou seja, *Hoger Algemeen Vormend Onderwijs* (Ensino Geral de Formação mais Elevada), com a duração de quatro anos. Como é evidente, nenhuma das formas até agora enunciadas dará acesso à Universidade.

3 — *Atheneum*, com cinco anos de duração, em que os programas insistirão sobre matemática e ciências naturais. Entre as disciplinas de opção propostas aos alunos encontra-se também o latim, que poderá ser escolhido durante vários anos, embora não venha a fazer parte das matérias a repetir no exame final. O estudo do latim no *Atheneum* ficará sempre num grau pouco exigente, não sendo de apresentar autores mais difíceis que César, trechos simples de Cícero ou passos do Novo Testamento. O *Atheneum* dá acesso ao ensino superior, mas apenas às Faculdades de Ciências.

4 — O *Gymnasium* será o curso por excelência para a entrada nas Universidades, tanto clássicas como técnicas. A sua duração é também de cinco anos. Além das línguas modernas, história e ciências, incluir-se-ão também as disciplinas de latim, a partir do primeiro ano, e grego, a partir do segundo ano, para todos os alunos. As últimas classes dividir-se-ão, porém, em  $\alpha$  e  $\beta$ .

No *Gymnasium  $\alpha$* , em latim, além da iniciação já feita com trechos fáceis de César, Ovídio, Salústio e Cícero, serão especialmente estudados os autores obrigatórios para a repetição do exame final: Tácito, Virgílio e Tito Lívio ou escritores equivalentes; em grego, começar-se-á por trechos simples, passar-se-á a Xenofonte e Platão, sendo obrigatórios para o exame final, Eurípides ou Platão, Heródoto e Homero. Evidentemente que o professor pode incluir, por sua conta, tanto em grego como em latim, outros autores. De notar que, embora a reforma ainda não tenha entrado em vigor, já começaram a surgir opositores da admissão de Homero no exame final do *Gymnasium  $\alpha$* .

No *Gymnasium  $\beta$*  estudar-se-á também latim e grego, embora com menos exigência no exame final, pois será dado mais tempo às matemáticas e ciências naturais. O *Gymnasium  $\beta$*  tornar-se-á o mais



difícil dos cursos médios, mas será certamente dos mais preferidos, pois dará entrada a todas as Faculdades.

Observe-se ainda que nesta reforma se exige a tradução do latim e do grego para o neerlandês, mas deixarão de ser obrigatórios os temas de retroversão.

Embora um aluno com o exame final do *Gymnasium β* possa ingressar nas Faculdades de Letras e de Direito, é de esperar que sigam o *Gymnasium α* todos aqueles que desde o princípio tomaram a decisão de enveredar por estas carreiras.

Vemos, portanto, que apesar de na nova reforma do ensino secundário holandês se diminuir o estudo das línguas clássicas, mesmo no futuro poucos graduados com qualquer curso superior haverá que não tenham pelo menos cinco anos de latim e quatro de grego. Excepcionalmente apenas os que entrarem nas Faculdades Técnicas por intermédio do *Atheneum*.

#### CURSO DE FILOLOGIA CLÁSSICA EM NIMEGA

Supõe-se que após seis anos de escola primária, um ano na classe de transição e cinco anos de *Gymnasium*, o aluno entrará na Universidade normalmente com 18 ou 19 anos. Para a sua matrícula não se exige qualquer exame de admissão, mas apenas o diploma do exame final do *Gymnasium*.

Todas as Universidades holandesas editam, no princípio de cada ano lectivo, um *Guia*, à venda nos fins de Agosto ou princípios de Setembro, que todo o estudante tem vantagem em adquirir. Com efeito, aí vem sempre actualizada toda a estrutura das diversas Faculdades, nome e direcção dos professores, disciplinas leccionadas, horários das aulas, prazos de matrículas e propinas, endereço de cada Instituto (no geral não há grandes edificios que comportem todos ou mesmo vários Institutos de uma Faculdade tão multiforme como a de Letras), endereço das repartições administrativas e seus funcionários, etc. Dada a multiplicidade e distância dos serviços e Institutos entre si, compreende-se que cada estudante, antes de começar, se veja obrigado a adquirir um meio de transporte privativo, no geral a bicicleta...

Os estudantes de Filologia Clássica têm muitas das suas aulas no *Instituut Oude Letteren*, em Nimega, até agora num histórico edificio

da parte antiga da cidade de Carlos Magno, na Begijnenstraat, 29. Vou dar uma ideia geral da orientação do curso, segundo os programas entrados em vigor em 1964. Anteriormente a matéria exigida era bastante mais vasta.

O curso divide-se em duas partes bem definidas: os primeiros três anos devem terminar com o *kandidaatsexamen*; os dois últimos são uma preparação especializada para o *doctoralexamen*. Para ser mais exacto, os estudos universitários não estão divididos na Holanda por anos, mas por estes dois graus, aos quais pode concorrer quem apresentar os *testemonia* de que ficou aprovado nas disciplinas que constituem o *curriculum* respectivo. Deve ainda acrescentar-se que só o *kandidaatsexamen* e o *doctoralexamen* são feitos perante um júri. O *testimonium* de passagem em cada uma das disciplinas obtém-se mediante um *tentamen* feito apenas perante o professor ou seu assistente, em dia, hora e local a combinar (no geral no Instituto) entre professor e aluno. Não há, portanto, épocas fixas de exames e, desde que se julgue preparado na matéria previamente afixada, o aluno pode pedir o *tentamen*, mesmo antes de terminarem as aulas.

Para o *kandidaatsexamen* exige-se a passagem em quatro disciplinas propedêuticas, cujo *tentamen* se deve fazer, normalmente, ao longo do primeiro ano. São elas: Gramática Latina e Gramática Grega, isto é, passagem em exercícios de retroversão, *tentamen* de tradução latina e *tentamen* de tradução grega. A Gramática Latina é repetida no geral a propósito da leitura de Tácito e a Grega por ocasião de textos de Platão. Os exercícios de tradução latina exigem o conhecimento de dois livros de Tito Lívio e de oito livros da *Eneida* de Virgílio; a tradução grega versa sobre Homero (*Iliada* e *Odisseia*) e dois livros de Heródoto.

Além disso, os estudantes do primeiro ano devem seguir as lições das disciplinas de que podem fazer exame após dois anos (oficialmente!) de frequência. Note-se, porém, que a assistência às aulas não é obrigatória nem é exercida qualquer espécie de fiscalização. Na prática, porém, os professores e assistentes não são insensíveis, no geral, a que os alunos frequentem ou não as suas aulas!

As disciplinas bienais são: Linguística Geral, Gramática Histórica do Latim, Gramática Histórica do Grego, Latim e Grego da Antiguidade Cristã, Instituições Gregas e Romanas, Arqueologia Clássica e Filosofia dos Gregos e Romanos.

No primeiro ano começam ainda as lições das seguintes disciplinas trienais: História da Antiguidade Oriental e Clássica, Literatura Latina e Literatura Grega.

Não poderá deixar de causar estranheza que no primeiro ano os alunos comecem por ter oficialmente 26 horas de aula por semana. Mas note-se que este número desce rapidamente entre o Natal e a Páscoa, se for obtida passagem nas disciplinas de Gramática e que vai diminuindo cada vez mais à medida que vão sendo feitos os *tentamina*. Se um aluno fizer o *tentamen* de uma disciplina bienal, por exemplo, por ocasião do Natal, o professor considerá-lo-á, no geral, dispensado de continuar a assistir às aulas no resto do ano. Deve ainda observar-se que das disciplinas bienais e trienais o professor dá geralmente uma ou o máximo duas aulas por semana. A matéria de exame não tratada nas aulas deverá o aluno prepará-la pela bibliografia tornada obrigatória no princípio do curso.

Uma vez obtido o *testimonium* de que ficou aprovado no *tentamen* de cada uma das disciplinas (as notas de aprovação vão de 5 a 10), o aluno prepara-se para o *kandidaatsexamen*, que é de desejar se realize no primeiro período do quarto ano de inscrição. O *kandidaatsexamen* é o primeiro acto solene do aluno. Durante hora e meia é interrogado por quatro professores que praticamente recapitulam as matérias estudadas apenas nas seguintes disciplinas: História Antiga, Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Latim e Grego da Antiguidade Cristã.

Se o *candidatus* abandonar a Universidade e passar a dedicar-se ao ensino secundário, nunca poderá ser professor efectivo e o seu vencimento será inferior em 27,5% ao ordenado normal dos professores efectivos com as suas horas de trabalho.

Normalmente, porém, o estudante continua o seu curso. O objectivo então é fazer o *doctoraalexamen*. O regulamento é neste período muito diferente do que é seguido em Portugal nos dois últimos anos do curso. Na Holanda estes dois anos são dedicados a uma especialização totalmente proposta pelo aluno. Deve escolher uma disciplina principal (*hoofdvak*) e duas disciplinas secundárias (*bijvakken*). Uma vez feita a escolha, apresenta-a, para aprovação, ao *senior* do Instituto.

As normas destas opções podem reduzir-se ao seguinte: a disciplina principal deve pertencer, normalmente, ao grupo das ensinadas para tal fim no Instituto Clássico, isto é, escolher entre Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Latim ou Grego da Antiguidade Cristã, Latim Vulgar, Latim Medieval, Grego Moderno, História da

Antiguidade Clássica, Arqueologia Clássica e Instituições Clássicas. Em casos especiais autoriza-se a que seja escolhida como *hoofdvak* uma ciência relacionada com a Antiguidade Clássica, embora ensinada noutra Instituto, como por exemplo, Filosofia Antiga, Linguística Geral, Arqueologia Romana dos Países Baixos, História das Religiões Clássicas, etc.

Neste último caso exige-se normalmente que as duas disciplinas secundárias sejam Língua e Literatura Latina e Língua e Literatura Grega. A regra geral, porém, é que, tendo o aluno sido autorizado a ter como *hoofdvak* uma da secção clássica, ainda lhe seja exigido que uma *bijvak* pertença à mesma secção, preferindo-se que, ou como principal ou como secundária, haja uma Língua e Literatura Latina ou Grega. Para a outra *bijvak* é dada maior liberdade, sendo frequentemente preferidas línguas estrangeiras, História da Arte, Filosofia Geral, Jornalismo, etc. É nesta altura que um estudante de clássicas pode optar por uma das línguas do Instituto de Italiano, Espanhol e Português. Diga-se, no entanto, de passagem, que estas línguas podem ser escolhidas como disciplina principal, e frequentemente o são como secundárias, pelos alunos de Filologia Românica.

As três disciplinas escolhidas para o *doctoraalexamen* são bienais. Então tem o aluno um contacto mais próximo com o professor. As matérias tratadas abarcam pontos não incluídos no *curriculum* da primeira fase ou desenvolvem alguns já abordados. O modo de vencer estas três disciplinas pode resumir-se assim:

Para a disciplina principal o aluno segue as lições do professor (uma ou duas por semana) e prepara um trabalho escrito (*scriptie*) de seu gosto, com bibliografia orientada e especializada, exigindo-se no geral uma média de 80 a 100 páginas. Além disso, deve fazer um *tentamen* da matéria de um programa previamente combinado.

Para as disciplinas secundárias, além de assistir às lições do professor, deve o aluno apresentar também um trabalho escrito de menor volume (20 a 40 páginas) e fazer um *tentamen* da matéria pré-estabelecida. No entanto, o professor tem a faculdade de dispensar uma destas duas provas.

Uma vez conseguidos estes três *testimonia*, o *candidatus* requer o seu *doctoraalexamen*, que se realiza na sala dos actos solenes da Universidade (*Aula*), sendo examinado durante meia hora pelo professor da *hoofdvak* e um quarto de hora por cada um dos professores das *bijvakken*. Com esta prova obtém-se o grau de *doctorandus*. Quando

os professores deixam chegar o aluno a este ponto, é quase certo que o resultado do exame é satisfatório. Por isso os colegas do novo *doctorandus* preparam-lhe no próprio átrio da *Aula* uma pequena festa, que consta de uma canção tradicional, de bebidas e das normais felicitações.

A maioria dos estudantes fica-se com este grau académico. O *doctorandus* em Filologia Clássica vai então normalmente dedicar-se ao ensino. Para ser recebido numa escola secundária como professor efectivo, basta-lhe que, além do curso acabado de indicar, tenha frequentado também as disciplinas de Didáctica Geral e Psicologia do Desenvolvimento Juvenil (ambas com *tentamen* próprio) e ter assistido às aulas de Didáctica Profissional. Além disso, deve ainda apresentar ao Director do estabelecimento de ensino em que deseja entrar, o certificado de que assistiu a 60 aulas de um professor efectivo do seu grupo.

É, pois, uma minoria de alunos a que se candidata ao último grau que a Universidade concede — o de *doctor*. Para o adquirir, o *doctorandus* não precisa de seguir qualquer curso especial. Geralmente combina com o professor da disciplina que escolhera como principal e fixa-se um tema para a dissertação (*proefschrift*), a qual pode ser um desenvolvimento de um ponto já começado a explorar na *scriptie* respectiva. A elaboração deste trabalho leva, por vezes, vários anos sob a orientação do professor, que então intervém como *promotor*. Quando o estudo está em condições de ser impresso e apresentado, realiza-se o acto da *promotie*. O *doctorandus* apresenta-se na *Aula*, ladeado pelos padrinhos (no geral seus familiares ou condiscipulos), perante a *corona* dos professores que corresponderam ao convite para assistirem e julgarem a tese. Após a argumentação do *promotor* e de um ou outro professor, a quem o *doctorandus* responde, os professores retiram-se para a sala do conselho. Passados alguns minutos regressam à *corona*. Em nome do reitor o *promotor* faz o elogio do novo *doctor* e entrega-lhe a bula com o seu título e classificação. Segue-se uma festa de maior amplitude que a descrita a propósito do *doctoraalexamen*.

Se o novo *doctor* já estiver a exercer funções docentes no ensino secundário ou no superior, passa a receber um aumento de salário, embora não suba de categoria. O acesso a *lector*, professor extraordinário ou professor catedrático não se faz na Holanda por meio de concursos, mas por nomeação. Evidentemente que para estas nomeações a comissão encarregada de propor a escolha atende ao *curriculum*,

aos trabalhos de investigação já realizados e aos dotes pedagógicos dos indigitados. Só os professores usam insígnias, embora não haja qualquer cerimónia especial de imposição. A consagração de um professor dá-se como realizada com o discurso inaugural, que pode não ser no princípio do ano lectivo, mas é sempre ocasião para um grande festim de alto nível social.

#### ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE ORGÂNICA, HORAS DE TRABALHO E SALÁRIOS

O grau de *doctor* não é, pois, necessário nem para ser professor efectivo no ensino secundário nem para ser escolhido para o corpo docente da Universidade. A função dos *assistentes* na Universidade portuguesa tem na Holanda o nome de *wetenschappelijke medewerkers* (colaboradores científicos) de um professor. O *assistente* é lá um funcionário que está sempre no Instituto para receber os leitores, orientar visitas, ajudar em serviços de organização de catálogos, etc. Imagina-se, pois, a dificuldade em que se encontra um «assistente» universitário português quando entra, desprevenido, em contacto com a orgânica holandesa... A sua função corresponde em parte à do *wetenschappelijke medewerker*; mas deverá ele dizer que é *doctorandus* ou *doctor*? Corresponderá a nossa licenciatura, com uma dissertação por vezes impressa e quase sempre de grande labor científico à *promotie*? O melhor será dizer que a orgânica dos graus universitários não corresponde entre si... A situação torna-se ainda mais complicada se o «assistente» português, como é frequente nas nossas Faculdades de Letras, está «encarregado de regência». Neste caso talvez devesse dizer na Holanda que é *lector*. Mas que diferença então no aspecto orgânico e económico...

De facto, a própria função do *wetenschappelijke medewerker* é diferente da do assistente português. Entre nós o contrato para assistente estipula 12 aulas práticas por semana. É sabido que por vezes o assistente ainda dá mais... Nestas condições mal se poderá tornar um colaborador científico dos catedráticos da sua secção, pois encontra-se totalmente absorvido com as lições e sua preparação, classificação de exercícios, exames, etc. A colaboração para revistas,

as conferências, a preparação da tese não se poderão fazer sem sobrecarga de trabalho e até prejuízo da saúde.

Na Holanda o *wetenschappelijke medewerker* tem um gabinete no Instituto respectivo e aí trabalha das 9 h. às 17 h. e 30 m., com intervalo para o almoço entre as 12 h. e 30 m. e as 14 h. O seu trabalho consiste em assistir às lições do professor, fazer por vezes os *tentamina* em sua substituição, manter actualizados os ficheiros bibliográficos do Instituto com anotação de livros e artigos de revistas recém-publicados; auxiliar o professor na orientação das quase sempre numerosas *scripties*; dar as lições de alguma disciplina que o professor lhe tenha confiado, etc. Não lhe falta, pois, trabalho, apesar de alguns *wetenschappelijke medewerkers* não terem aulas ou darem apenas uma ou duas lições por semana. E o professor sabe que pode contar com a sua disponibilidade no Instituto durante as horas de trabalho!

Por sua vez os professores, mesmo os mais ocupados, também se não deixam sobrecarregar com mais de cinco a oito aulas por semana. A orientação superior das *scripties* e das *proefschriften*, os exames, a colaboração para revistas, congressos e academias, têm-nos sempre em actividade. Por isso, ao aumento ou desdobramento de disciplinas ou cursos corresponde sempre um aumento de professores. O desenvolvimento das Universidades holandesas, em multiplicidade de disciplinas, número de alunos e desdobramento de cursos é de tal ordem que o ministro Diepenhorst, em 1966, declarou que se está caminhando para uma situação em que se tornará impossível ao Tesouro pagar o ensino superior. Assim se compreende que o actual Gabinete (cuja actividade começou pela Páscoa de 1967) tenha tomado medidas destinadas a limitar a admissão de mais pessoal. Fui informado de que a Universidade de Nimega não pode exceder 1800 funcionários, desde o contínuo aos professores jubilados! É que no ano lectivo de 1966-1967 as despesas de Nimega atingiram a ordem dos 500.000 contos! Para estabelecer um paralelo, bastará dizer que no mesmo ano a Universidade de Coimbra, com uma estrutura equivalente, se remediou com cerca de um décimo daquela importância!...

Apesar do melindre que as comparações poderiam levantar, vou indicar alguns salários concretos. Um *lector* que vivia comigo disse-me que o seu ordenado anual líquido era de 32.000 florins por ano, isto é, um pouco mais de 21.000\$00 por mês; e um professor catedrático nosso comensal acrescentou, por sua vez, que recebia, líquido, 36.000 florins, ou seja, cerca de 24.000\$00 mensais. Nunca quis perguntar

a um *wetenschappelijke medewerker* quanto recebia, para não me sujeitar a que ele se interessasse em saber qual o vencimento de um assistente em Portugal...

Já ficou descrito como um licenciado em Filologia Clássica entra com relativa facilidade como professor efectivo no ensino secundário. Tive uma vez oportunidade de ler um semanário de professores deste grau de ensino em que vinha a tabela dos seus vencimentos, a partir de 1 de Janeiro de 1967. No primeiro ano, um professor liceal com horário completo ganha cerca de 7.500\$00 por mês; depois aumenta cada ano 75 florins (cerca de 450\$00) até atingir o máximo de 22 anos de serviço. Sendo assim, após cinco anos receberá cerca de 9.800\$00 mensais; depois de dez anos, cerca de 12.100\$00; no fim dos vinte e dois anos de actividade atingirá cerca de 17.600\$00 mensais. Nestes números não estão incluídos quaisquer abonos nem excluídos os descontos. Convirá ainda acrescentar que todos os funcionários recebem ao aproximar-se o fim do ano lectivo um subsídio de férias que é de 6% do seu vencimento anual.

Estes números bastarão para se fazer uma ideia do montante a que deverão subir as despesas globais do Ministério da Educação. É voz corrente entre os holandeses que o ensino tem a prioridade no orçamento geral do Estado, gastando com ele a Nação mais de 40% das receitas do Tesouro. E não se julgue que o Ministério das Finanças arrecada nos Países Baixos pouco dinheiro. Tendo, em pouco mais de um terço do território de Portugal Europeu, cerca de 12 milhões de habitantes, a Holanda está bastante industrializada e os impostos são em todos os ramos extraordinariamente pesados.

#### CENTRO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE CRISTÃ

Uma das glórias da Universidade de Nimega é ter criado uma «escola» que se dedicou ao estudo do latim e do grego nos escritores da Antiguidade Cristã. Deve-se a Monsenhor Joseph C. F. H. Schrijnen (que foi o primeiro Reitor da Universidade Católica de Nimega, inaugurada oficialmente a 17 de Outubro de 1923) a orientação fundamentalmente linguística e semasiológica da «escola», que visa a descobrir as inovações originadas principalmente no vocabulário e na sintaxe, pela influência do Cristianismo. Os cristãos constituíram nos primeiros

séculos um *meio* social com características próprias e isso levou à criação de uma língua de grupo ou «língua especial». São as particularidades desta língua, tanto no grego como no latim, que os estudiosos de Nimega procuram dar a conhecer através das séries *Latinas* e *Graecitas Christianorum Primaeva* e dos fascículos que em 1964 começaram a sair como *Supplementa*. O primeiro volume da *Latinas Christianorum Primaeva* foi publicada em 1932 e lançou o pregão da nova escola: é a obra do Prof. Dr. J. Schrijnen intitulada *Charakteristik des Altchristlichen Latein*. Desta série tinham saído até final de 1967 dezanove volumes. Da *Graecitas Christianorum Primaeva* estão publicados apenas dois volumes. Dos *Supplementa* viram já a luz da publicidade dois volumes.

A obra de Mons. J. Schrijnen foi apoiada desde o princípio pela sua mais dedicada discípula e a partir de 1953 sua sucessora na cátedra de Nimega, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christine A. E. M. Mohrmann, a qual se tornou a grande divulgadora e aperfeiçoadora dos métodos iniciados na década de 30 e tem reunida à sua volta uma autêntica *élite* de investigadores. Com efeito, em 1962 iniciou a sua actividade o *Oud-Christelijk Studiegenootschap* (Centro de Estudos da Antiguidade Cristã) que conta actualmente 36 membros, todos antigos ou actuais estudantes que escolheram a especialidade da Prof.<sup>a</sup> Mohrmann como disciplina principal ou a tiveram como *promotor*. Este Centro (conhecido vulgarmente por «Mohrmannclub») promove cinco ou seis sessões de estudo por ano, sendo a de Janeiro, considerada como comemorativa do *dies natalis*, sempre presidida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann, que nessa altura profere uma conferência sobre um tema não anunciado, mas que é sem dúvida uma questão de actualidade. Além das séries e dos *Supplementa* já mencionados, este Centro de Estudos está a preparar uma Antologia de escritores latinos da Antiguidade Cristã e colabora assiduamente nas revistas da especialidade, principalmente nas *Vigiliae Christianae*.

Esta revista não é um órgão da «escola de Nimega», mas sim uma publicação de âmbito internacional, sobre a vida e a língua dos primeiros séculos do Cristianismo, embora os editores principais sejam todos holandeses: Chr. Mohrmann (Nimega), G. Quispel (Utreque), W. C. van Unnik (Utreque), e J. H. Waszink (Leida). Apesar da regularidade da sua publicação (aparece impreterivelmente nos últimos dias de cada trimestre) e de os quatro fascículos anuais conterem 256 páginas, foi-me dito pela Prof.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann que a redacção faz uma grande selec-

ção dos artigos que lhe são enviados, o que não obsta a que alguns estudos tenham que esperar dois ou três anos para serem editados. Uma prova da sua vitalidade está em que a partir de 1968 (vol. XXII) a revista passa a ter 320 páginas por volume. Embora o preço da assinatura tenha subido para 50 florins (cerca de 400\$00), é certo que a Administração não conta com a desistência dos assinantes. Pelo contrário: com o número de Dezembro costuma vir um aviso em se diz que, se a assinatura do ano seguinte não for paga antecipadamente, o envio da revista será automaticamente suspenso...

A grande impulsinadora da «escola de Nimega» continua, pois, a ser a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann. Quando da sua estadia em Coimbra, fez a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Pereira uma apresentação suficientemente elucidativa da biografia e obra da grande mestra holandesa, elogio que se encontra arquivado nas páginas da *Humanitas* (vol. XIII-XIV (1961-1962), pp. 375-379). Seja-me permitido apenas acrescentar que uma resenha completa dos seus estudos até 1963 se encontra nas *Mélanges Christine Mohrmann* (Editorial Spectrum, Utreque, 1963), a par de uma série de artigos que os seus alunos e admiradores lhe dedicaram por ocasião do seu 60.<sup>o</sup> aniversário. Ouvi uma vez dizer a um homem de negócios que «ser muito rico não custa; o que custa é chegar a ser rico». O mesmo se pode aplicar ao nome internacional das grandes figuras da ciência. Repare-se nesta lista de funções e *honores* da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christine Mohrmann:

Professora extraordinária da Universidade de Nimega desde 1953 e catedrática desde 1960; professora extraordinária da Universidade Municipal de Amesterdão desde 1955; *doctor honoris causa* da Universidade de Dublin e da «Università del Sacro Cuore» de Milão; membro da Sociedade Linguística de Paris; membro honorário da Sociedade Linguística Americana; secretária geral do Comité Internacional Permanente de Linguistas; membro da Academia das Ciências da Baviera (Munique), da Real Academia Norueguesa das Ciências e da Real Academia Neerlandesa das Ciências; cavaleiro da Ordem do Leão Neerlandês, etc..

Sendo assim, compreende-se que o Vaticano a tenha nomeado como perito para a revisão de uma nova tradução latina dos Salmos e que faça parte do conselho para a versão dos textos litúrgicos nas línguas vernáculas e ainda que constantemente seja solicitada a sua participação em congressos de Linguística. Os seus alunos apreciam que a famosa Mestra seja reclamada para Londres, Washington, Bucareste

ou Roma não só porque vêem honrada a sua professora, mas também porque, por vezes, esses congressos coincidem com as quintas-feiras, dia da semana em que a Prof.<sup>a</sup> Chr. Mohrmann dá as suas três aulas em Nimega... A própria Universidade reconhece a vantagem em que esta sua professora leve ao longe o seu saber e o nome da Holanda, pois, além de um *wetenschappelijke medewerker* — a quem a Prof.<sup>a</sup> Mohrmann confiou a aula semanal de Latim Medieval — põe à sua disposição uma secretária particular. A esta secretária, Mej. Mariette Kruse devo agradecer muitas das informações acabadas de apresentar.

Sirva esta breve referência à prodigiosa actividade e ao mérito científico da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christine Mohrmann de homenagem de quem durante dois anos lectivos seguiu os seus cursos e tanto beneficiou da sua sempre generosa orientação.

P. J. GERALDES FREIRE